



IMORTALIDADE DO SER HUMANO: DOCTRINA FILOSÓFICA OU ENSINO BÍBLICO? (2ª parte)

Euler Renato Westphal¹

IV. RESPOSTAS TEOLÓGICAS À PERGUNTAS FILOSÓFICAS: ALGUMAS TENTATIVAS

Em especial Karl Barth, na sua luta contra o idealismo que fundiu céus e terra, o ser humano e Deus, afirmou, com razão, que a esperança da vida eterna do Novo Testamento não está fundamentada na imortalidade da centelha divina, que é a alma bela. A teologia do século XX declara a morte à alma bela e ao Espírito absoluto de Hegel. A teologia, em seu protesto contra o homem endeusado, também nega o Eu absoluto de Fichte².

1. A alma e o corpo morrem para que seja possível falar de ressurreição

Na oposição ao pensamento idealista enfatizava-se a morte total do ser humano, bem como a ressurreição da matéria e do corpo. Para Barth, a vida superior após a morte deve ser vista à luz de Cristo. A morte não é um episódio da vida, mas é juízo de Deus. A alma não é a parte valorosa do ser humano. Ela é tão desprezível como o corpo. Ambos estão sob o juízo de Deus. A alma não é algo divino, mas é a própria identidade do ser humano. A alma não é libertada do corpo, mas libertada com o corpo. O homem não tem somente um corpo e uma alma, mas ele é constituído de corpo e alma

1 Euler Renato Westphal (Dr.). É professor de Teologia Sistemática e Ética na Faculdade Luterana de Teologia. O presente artigo representa a versão ampliada de uma palestra proferida no dia 14/05/2008 no Simpósio de Teologia 2008, realizado nos dias 13 e 14 de maio de 2008, na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, que versou sobre o tema: “O ser humano entre saúde e salvação”. A primeira parte deste foi publicada na última edição de *Vox Scripturae*, vol. XVI, número 2, p. 29-37. A parte que segue aqui é a continuação imediata do artigo iniciado naquela edição.

2 Cf. Horst Georg PÖHLMANN. *Abriss der Dogmatik*: ein Kompendium. 5 ed. ampl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn 1990, p. 362-366.

na sua totalidade. Karl Barth dizia ser um pensamento pagão imaginar que depois da morte a alma voasse como borboleta sobre o túmulo para um lugar qualquer onde seria guardada viva. Para ele, a imortalidade da alma é algo perigoso em virtude da morte ser relativizada e colocada no âmbito das coisas banais³.

Para Barth existe diferença entre o corpo e a alma, mas ambos estão inseridos na realidade do ser humano enquanto criatura. Também a alma pertence ao âmbito do ser humano enquanto ser criado e determinado pela morte. Assim como os céus e a terra são parte do mesmo universo criado, também o corpo e a alma pertencem ao ser humano enquanto se+r criado. A alma não existe sem um corpo. Ela somente é possível na medida em que pressupõe o corpo. Toda a negação do corpo também seria negar a alma. Segundo Barth, a alma é vida autônoma de um corpo, pois é um organismo que vive por si mesmo, que tem existência própria⁴.

A partir disso, a ressurreição seria criação total, porque ela pressupõe a morte total da existência terrena. Nada permanece no ser humano após a morte a não ser o julgamento de Deus sobre ele. A partir disso, o corpo, alma e espírito estão totalmente mortos por isso eles serão ressuscitados e Deus os vivificará totalmente. Esse pensamento da totalidade da morte e da ressurreição está presente em muitos teólogos do século XX. Como já vimos, precisamos entender o contexto histórico, a teologia se opôs à prepotência antropológica do Idealismo⁵.

2. A imortalidade da alma e a ressurreição como paradoxo da realidade de Deus

Na lógica do paradoxo a partir das Escrituras vê-se que a alma é atingida pelo juízo da morte, mas ela transcende a morte. A alma é o ego da pessoa e existe uma continuidade entre a alma antes da morte e após a morte. O termo mais adequado para falar de alma é o termo hebraico *néfesh*, que abarca o sentido da existência humana como um todo. O texto de Gn 2. 7 diz: “Javé Deus formou o ser humano do pó

3 Cf. Karl BARTH. *Die Lehre von der Schöpfung*. Das Geschöpf. Vol II/2, in: Karl Barth. *Die Kirchliche Dogmatik*. Zürich: Theologischer Verlag Zürich 1992 (1945), Paragr. 45-46, p. 440-441. Cf. Otto WEBER. *Grundlagen der Dogmatik*. Vol. I. 5. ed. Neulkirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag 1977, p. 736.

4 Karl BARTH. *Die Lehre von der Schöpfung*, Paragr. 45-46. p.441-455. Para Barth, o espírito é diferente da alma, pois o espírito não necessita de um corpo, assim como Deus não necessita da criação.

5 Cf. Werner ELERT. *Der christliche Glaube: Grundlinien der lutherischen Dogmatik*. 2. ed. Berlin: Furche-Verlag 1941 (1940); Cf. Eberhard JÜNGEL. *Gott als Geheimnis der Welt*. 6. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr 1992 (1977).

da terra e soprou nas suas narinas o fôlego de vida; assim o ser humano se tornou uma *néfesh* vivente”⁶. De qualquer forma, esta continuidade não se fundamenta somente no julgamento de Deus sobre a pessoa, mas também esta fundamentada no fato dele ser imagem de Deus. A morte coloca o ser humano numa relação muito próxima com o juiz (Rm 6.23) e com o salvador (Fp 1.23). Na ressurreição Deus toma a criação como ponto de partida, então não é *creatio ex nihilo*, mas *creatio ex creatione*⁷. O novo mundo da ressurreição é renovação da primeira criação. Não se pode colocar a imortalidade da alma e a ressurreição como alternativas excludentes, mas nós encontramos as duas grandezas no NT⁸.

6 Observamos que o termo *néfesh*, nas Bíblias ocidentais, é traduzido por alma, a exemplo da Vulgata que traduz *néfesh* com *anima*. A LXX (Septuaginta), que é o Antigo Testamento grego, traduz *néfesh* por *psychén*. A criação do homem como *néfesh* é feita a partir do pó. Portanto, a vida do ser humano está em relação intrínseca com a criação como um todo. Desse modo, Deus cria *néfesh* como algo que está fora de Deus, não é Deus, bem como não é a presença de Deus no homem. *Néfesh*, diferente da filosofia grega, não é um fluido divino que se apossa do corpo humano. A *néfesh* vivente expressa a existência humana em todas as suas realidades, incluindo os espaços geográficos e históricos no qual o ser humano está inserido (Gn1.1-3; Sl 148.5!). Ao ser humano, que é ser vivente, é dada a tarefa de proteger a criação como espaço para que a *néfesh* seja garantida. (Gn 1.26-29; 2.15). A responsabilidade que se tem para com a criação também se estende ao próximo (Gn4.9) Ao ser humano é dada a vida e ele tem tarefas para guardar a vida no âmbito da criação, que não é sua propriedade, mas de Deus. Essa dimensão fica muito clara quando as traduções bíblicas do livro de Cantares traduzem *néfesh* por “o amado da minha alma” (Ct 1.7; 3.3;3.4), desvinculando o casamento da dimensão do corpo e com isso da sexualidade. Isso leva à interpretações alegóricas que “desmaterializam” e “descorporificam” o texto bíblico e o ser humano. Deve-se considerar que “o amado da minha *néfesh*”, é para expressar a existência com ênfase no ser humano em sua totalidade, incluindo a sexualidade. A LXX traduz, nos textos de Cantares mencionados acima, *néfesh* com *psyché*. Cf. VETUS TESTAMENTUM GRAECE IUXTA LXX interpretes: Editio minor. Alfred RAHLFS (ed.). Duo volumina in uno. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft 1980. John Joseph OWENS. *Analytical to the Old Testament: Ezra – Song of Solomon*. Vol 3. 2. ed. Grand Rapids (Michigan): Baker Book House 1993, p. 261 e 263. Owens também não traduz *néfesh* por vida, mas como alma, “whom my soul loves.” O texto de João Ferreira de Almeida também traduz “o amado da minha alma.” Cf. A BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. ver. e atual. no Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil 1969. Cf. L. KOEHLER & W. BAUMGARTNER. *Lexikon in Veteris Testamenti Libros*. Vol. I e II. Leiden: E. J. Brill 1967; 1974. Cf. BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Karl ELLIGER; Wilhelm RUDOLPH (Eds). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft 1984; Cf. VETUS TESTAMENTUM GRAECE IUXTA LXX interpretes: Editio minor. Alfred RAHLFS (ed.). Duo volumina in uno. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft 1980.

7 Cf. Horst Georg PÖHLMANN. *Abriss der Dogmatik: ein Compendium*. 5 ed. ampl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn 1990, p. 362-366.

8 Hans Walter Wolff, ao comentar o texto acima de Gn 2.7, que é de sua tradução, diz assim, “*Néfesh* deve ser vista aqui em conjunto com a figura total do ser humano e especialmente com sua respiração; por isso, o ser humano *não tem néfesh*, mas é *néfesh*, vive como

Inclusive, em uma passagem bíblica, encontramos a imortalidade e a ressurreição lado a lado (1Co 15.50-58). A esperança da ressurreição não exclui a esperança de que a alma seja imortal. A imortalidade e a ressurreição se relacionam como início e cumprimento da ressurreição. Assim o ser humano não é jogado para um vácuo após a morte, mas ele permanece nas mãos do seu juiz e salvador. A hipótese da total imortalidade parte de uma concepção materialista e jamais pode ser reconhecida como cristã. Deus não destrói a alma do homem na morte, mas ele a exige para si (Lc 12.20). Em 1.Co.15-52-53 o apóstolo Paulo fala da incorruptibilidade e da imortalidade em antítese ao corruptível e ao corpo mortal. No mesmo contexto em que é descrita a realidade da ressurreição temos a afirmação da possibilidade da imortalidade. A origem da imortalidade não está na qualidade humana de que ele carregasse alguma luz divina dentro de si, mas é a expressão de que Jesus Cristo em sua ressurreição é a origem da imortalidade e que o Evangelho é o antídoto para a morte (2 Tm.1.10). O ser humano não carrega em si qualidades divinas e eternas, como se entendia na filosofia platônica ou no idealismo com a sua concepção da alma bela.

Na compreensão bíblica soma (corpo), psyché (alma) e pneuma (espírito) são três formas distintas de se falar do ser humano como um todo. As Escrituras falam da ressurreição e da imortalidade em um só tempo. Jesus conta uma parábola a respeito do rico e do Lázaro (Lc.16.19-31). Ele fala da possibilidade do rico estar no inferno e do mendigo estar junto de Abraão na eternidade. No final da mesma perícopes também se menciona a possibilidade de ressurreição. O ser humano está separado da salvação e de Deus. É verdade que o ser humano e Deus são qualitativamente e quantitativamente distintos. O ser humano não pode se catapultar para a vida eterna. O reino eterno somente pode ser dado como presente a partir da ressurreição de Cristo O ser humano em sua totalidade – no seu corpo, alma e espírito - é terreno e prisioneiro da mortalidade e da corrupção⁹.

Ao ser humano não é determinado morrer para o nada, mas após sua morte vem o juízo (Hb 9.27). Jesus diz que o corpo pode ser morto e não a alma de uma pessoa. “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”(Mt 10.28). A alma é o homem enquanto imagem de Deus, ou seja, é o seu eu, sua *néfesh*, a sua existência. Diante da

néfesh.” Hans Walter WOLFF. *Antropologia do Antigo Testamento*. Trad. Antônio Steffen. São Paulo: Hagnos 2007, p. 34.

9 Cf. Rudolf. BULTMANN. *Das Evangelium des Johannes*. 10. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1968, p. 95.

realidade da morte Paulo falava do desejo de estar com Cristo como sendo libertação da limitação da carne, que é a realidade tomada pelo pecado, pela corruptibilidade e pela morte (Fp 1.21-24). De outro lado, a morte não pode separar o crente do amor de Deus (Rm 8.38-40; 14.8). Assim, a morte é uma realidade ontológica e relacional ao mesmo tempo.

3. A morte no horizonte de Lei e Evangelho

Segundo o testemunho do Novo Testamento, em especial 1 Cor. 15.50-57, a morte e a ressurreição abrem perspectivas para a entrada no reino eterno, porque o ser humano receberá um corpo quantitativamente diferente daquele que está sujeito “à carne e sangue”. A imagem celestial do corpo do reino de Deus só é possível porque o reino de Deus se resume em Cristo, que já ressuscitou (1Cor. 15.13). Assim, a eternidade só é possível a partir da revelação do reino em Cristo, em sua morte e ressurreição. “A morte de tudo o que é terreno é a condição prévia inevitável para entrar no reino de Deus”¹⁰.

A morte é destruição do corpo. É a ruptura radical entre o corpo e alma¹¹. Ela não é destruição de todo o ser humano, mas também não é libertação da alma da prisão do corpo, como entende a filosofia de tradição platônica. A alma que é o eu, a *néfesh*, é despida pela morte para receber uma nova roupa que é o corpo eterno, ou seja, a eternidade é a esperança de vida após a morte da qual o apóstolo Paulo fala de forma inequívoca (2 Co 5.1-10). Essa roupa lhe honra e dignifica. Tanto que ele expressa o desejo de estar com o Senhor, dizendo “Entretanto estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor.” (2Cor. 5.8). Por meio da morte o cristão estará diante do tribunal de Cristo, que já o julgou de todos os pecados e o absolveu na cruz de toda a sua condenação (2Cor. 5.10).

A vitória de Cristo sobre a morte é também a libertação para a imortalidade. Assim, a imortalidade pode ser pensada a partir da realidade da ressurreição de Cristo. A esperança na imortalidade não é um subproduto do pensamento platônico de que a alma é prisioneira do corpo. Segundo o pensamento de Platão a matéria é má e o ser humano precisa ser libertado da prisão da matéria por meio da filosofia e da mística. A imortalidade está ancorada na realidade da ressurreição de Cristo que venceu a morte e todos os poderes que se colocam contra o senhorio de Deus. O testemunho bíblico

10 H.D. WENDLAND. Die Briefe an die Korinther. *Das Neue Testament Deutsch*. Vol 2. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1933, p. 374.

11 Cf. Karl RAHNER. *Zur Theologie des Todes: mit einem Exkurs über das Martyrium*. Freiburg; Basel; Wien: Herder 1958, p. 17-26.

fala da ressurreição na sua totalidade bem como fala da imortalidade na sua totalidade. O paradoxo não pode ser diluído, mas precisa ser mantido na sua tensão mesmo que algumas perguntas fiquem sem solução. Na verdade estamos diante de uma realidade que pertence somente a Deus. É vetado o ser humano se arrogar o direito que não pertence a ele, o de conhecer os mistérios da morte e a dimensão da eternidade. Aqui somente podemos falar provisoriamente e de modo incompleto, conscientes de que estamos diante do inefável. O apóstolo Paulo ao falar da ressurreição (1 Cor 15) também conseguia dizer que em meio às tribulações havia a esperança das coisas eternas, distinguindo o que é temporal e o eterno. Ele em um só fôlego distingue entre o homem exterior e a sua corrupção do homem interior que experimenta a renovação diária (2 Cor 4.16-18).

De qualquer forma, a morte é juízo sobre o pecado (Rm 6.21ss). A morte não é uma instituição da natureza, mas é algo contra a natureza. A morte não é um evento natural, que está inserido no âmbito da realidade da existência humana como sendo o natal do homem como o querem Boff e Rahner¹². O Idealismo e a compreensão da alma como luz divina perdem a perspectiva do juízo, que a realidade da morte tem em si e a reduz a um evento salvífico apenas. Assim, a morte seria somente um nascimento sem perceber o juízo sobre o pecado¹³.

A fé na ressurreição dos discípulos não foi uma forma de reprimir a realidade da morte. A ressurreição é vitória sobre a morte, por isso o crente não precisa desesperar diante dela, mas tem a capacidade de encará-la como realidade que já foi vencida. A vitória de Jesus sobre a morte por meio da sua ressurreição nos coloca diante de uma realidade que pertence somente a Deus e não a nós. Importante é que Cristo morre a nossa morte física na sua totalidade e que a sua morte não foi uma morte fingida, mas ele experimentou a morte humana em sua total tragédia. Diferente de nós, o Pai o ressuscitou dos mortos e venceu a realidade da morte. Por essa razão, o triunfo sobre a morte, que é expressada nas palavras do apóstolo Paulo: “Onde está a morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.” (1Cor. 15.55-56).

A morte como juízo nivela todas as diferenças sociais destruindo a pirâmide social a assim também tem implicações para as estruturas sociais injustas. A morte é fator importante de crítica a sociedade desigual. A

12 Cf. Leonardo BOFF. *Vida para além da morte*. 14.ed. Petrópolis: Vozes 1995, p. 40-41. Cf. Karl RAHNER. *Zur Theologie des Todes: mit einem Exkurs über das Martyrium*. Freiburg; Basel; Wien: Herder 1958, p. 33-43.

13 Cf. Leonardo BOFF. *Vida para além da morte*. 14.ed. Petrópolis: Vozes 1995, p. 34-45.

morte leva o ser humano na mão única da eternidade. Suas decisões, bem como sua fé ou incredulidade apontam para a eternidade. Sua vida está no horizonte da irreversibilidade da vida ou morte eterna.

A salvação ou perdição eterna se concretiza irreversivelmente na morte. Aqui e agora o ser humano já tem a salvação ou não. Nesta vida ele tem vida ou perdição eterna, mas esta se concretiza somente após a realidade da morte. A concretização na morte adquire caráter irrevogável e irreversível. A partir da obra salvífica de Jesus Cristo, na sua morte e na sua ressurreição, a morte humana não é somente Lei, mas também é Evangelho. Ela não é somente juízo, mas também é redenção (Fp 1.23), pois nela se cumpre a eficácia da esperança cristã expressada nas palavras de Paulo, "Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Cor 15.57). No horizonte da ressurreição, a morte se torna revelação da graça de Deus, embora a morte em si não seja a redenção. À luz da ressurreição, Deus liberta o ser humano da queda e das consequências da maldição. Assim, a morte é experimentada como redenção, pois a morte é a passagem para a vida de ressurreição. A ressurreição de Jesus Cristo é a vitória sobre o destino da morte. Essa vitória é qualitativamente distinta da idéia da libertação da alma da prisão do corpo e da matéria.

A morte de Cristo, como libertação e redenção, não anula o juízo radical de Deus sobre o pecado. Muito pelo contrário, a morte como redenção também é a confirmação paradoxal do juízo de Deus sobre o pecado¹⁴. A derrota de Cristo na morte é a vitória sobre a morte, evidenciada na ressurreição. Cristo nos redimiu quando morreu a nossa morte e mata a nossa morte quando ele mesmo morre. Aquilo que foi crido se torna realidade de forma perfeita e completa na eternidade de Deus¹⁵. A partir da realidade da ressurreição, há esperança da vida após a morte, enquanto imortalidade, e da realidade da ressurreição como evento futuro. Ambas as perspectivas não podem ser diluídas, nem anuladas ou superadas em uma síntese de fusão da ressurreição e da imortalidade. A vida do Cristo preenche e dá sentido à vida do crente, a ponto de podermos crer que o Cristo ressuscitado vive no crente e lhe dá a perspectiva de uma vida eterna após a morte. A morte e a imortalidade não são temas independentes e desconectados, mas eles são vistos à luz da ressurreição de Cristo, bem como à luz do juízo sobre o pecado e da graça de Deus sobre o pecador justificado. A morte não tem a última palavra, mas a vitória de Cristo.

14 Cf. Walter KÜNNETH. *Theologie der Auferstehung*. 6. ed. Giessen: Brunnen Verlag 1982, p. 299-231.

15 Cf. Horst Georg PÖHLMANN. *Abriss der Dogmatik: ein Kompendium*. 5 ed. ampl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn 1990, p. 366-375.

Portanto, a imortalidade é real para quem está em Cristo, ou seja, quem experimentou pela fé o juízo e a graça de Deus¹⁶. Assim, a ressurreição é condição e possibilidade para se falar da imortalidade, ou seja, é o fundamento para a esperança de que depois da morte vem a vida eterna. Assim, o cristão não é um ser para morte, mas é um ser de esperança e de vida¹⁷.

16 Cf. Helmut THIELICKE. *Mensch sein – Mensch werden: entwurf einer christlichen Anthropologie*. 2. ed. München; Zürich: R. Piper 1978, p. 389-394.

17 Cf. Walter KÜNNETH. *Theologie der Auferstehung*. 6. ed. Giessen: Brunnen Verlag 1982, p. 232-233.